

- com referência às ciências dedutivas formalizadas]. *Ruch Filozoficzny*, 12: 210-211. [Resumo do artigo lido à Warsaw Scientific Society em 21 de março de 1931.]
- (1935) Der wahrheitsbegriff in den formalisierten sprachen. *Studia Philosophica*, 1: 261-405 (1936).
- (1956[1935]) The concept of truth in formalized languages. *Logic, Semantics, Metamathematics: Papers from 1923 to 1938* de A. Tarski, trad. por J. H. Woodger: 152-278. Oxford: Clarendon Press. [Trad. fr.: "Le concept de vérité dans les langues formalisées", *Logique, sémantique, métamathématique, 1923-1944* de A. Tarski, Tomo I, 159-269. Paris: Armand Colin, 1972.]
- TRUBETZKOY, N. S. (1933) La phonologie actuelle. *Revue de Psychologie Normale et Pathologique*, 30: 227-226. (Repr. em *Essais sur le Langage* ed. por Jean-Claude Pariente, 143-164. Paris: Éditions de Minuit, 1969.)
- ULVESTAD, B. (1976) 'Grein sú er máli skiptir': tools and traditions in the first grammatical treatise. *Historiographia Linguistica*, 3: 203-223.
- UNTERMANN, J. (1975) Etymologie und wortgeschichte. *Workshop III: Arbeiten des Kölner Universalienprojekts* ed. por Hansjakob Seiler: 93-116. München: Wilhelm Fink.
- ZÖËGA, G. T. (1910) *A Concise Dictionary of Old Icelandic*. Oxford: Clarendon Press. (Repr., 1952, 1967.)
- WHITEHEAD, A. N. & B. RUSSELL (1910-1913) *Principia Mathematica*. 3 vols. Cambridge: Cambridge Univ. Press (2^a ed., 1925-1927).

DEBATE

AS MUDANÇAS NO SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: SUBSTITUIÇÃO OU ESPECIALIZAÇÃO DE FORMAS?

Esmeralda Vailati NEGRÃO (USP)
Ana Lúcia MÜLLER (USP)

ABSTRACT: The aim of this paper is to argue against a generalization current in recent researches about changes taking place in the pronominal system of Brazilian Portuguese, which assumes that the third person possessive forms *seu(s), sua(s)* and the empty form of personal pronouns are doomed to disappear. Based on empirical analysis, the authors show that those forms are attested in spoken Brazilian Portuguese but with a specialized use.

key-words: anaphora; pronominal system; pro-drop language; weak agreement.

Palavras-Chave: anáfora; sistema pronominal; línguas pro-drop; concordância fraca.

0. Introdução

Neste trabalho argumentamos em favor da hipótese de que as mudanças em curso no português do Brasil (doravante PB), mais especificamente, a questão da distribuição de categorias vazias e lexicais na posição de sujeito de sentenças desenvolvidas e a questão da distribuição das formas de possessivos de 3^a pessoa *seu* e *dele*, não podem ser caracterizadas como uma substituição de formas decorrente do desaparecimento de uma delas, mas são um caso de coexistência de formas no sistema pronominal do PB, com uma especialização no uso de cada uma delas: na posição de sujeito das sentenças a categoria vazia coexiste com a categoria lexical e, no

sujetos no realizados lexicalmente (vezes ou nulos), por que sua interpretação pode ser recuperada a partir da concordância.

(a) AGR pode ser especificado pelo rango [+pronome];
 (b) AGR pode ser referencial, isto é, possibilidade a identificação

Essas propriedades dividem as línguas naturais em três diferentes grupos: (i) línguas que apresentam propriedades (a) e (b), e, portanto, que permitem categorias valídas (holândes e português); (ii) línguas cuja referência pode ser identificada (italiano e espanhol); (iii) línguas que apresentam somente a propriedade (a) e que, consequentemente, permitem categorias valídas somente quando o sujeito, o predicado e os argumentos possuem um mesmo tipo de estrutura sintática.

Huang (1982, 1984) revisalia a relação entre o PSN e a triade genética em possigão de objetos de certos verbos do italiano, analisa tal discurso e linguas orientadas para a sentença. O segundo parâmetro é geral que dividiria as linguas naturais em linguas orientadas para o possibilidade pode ser englobada num parâmetro tipológico mais possivelmente de objetos e uma variável pressa a um topo nulo. Esta de linguas que não os admitem. Em tais linguas a cv que ocupa a parâmetros: o primeiro distinguindo linguas que admitem temas (cv) e em dois possibilidade de categorias de categorias vazias (cv). Por isso sumariza a entenças, mas também a possigão de objetos. Para os verbos de categorias vazias podem ocupar não só a possigão de susbtíto de suas AGR a partir dos dados do chinês, língua em que, embora os verbos não apresentem marcas de concordância, ainda assim categorias vazias possuem possibilidade de categorias de categorias vazias (cv) e a triade genética (1982, 1984) revisalia a relação entre o PSN e a triade genética em termos de "tríade morfológica".

A proposta de um modelo de gramática construída a partir de principios universais e de princípios parametrizáveis no âmbito da teoria gerativa recolocou, sob novo enquadre, a questão da variação e da mudanças linguísticas. A correlação de algumas propriedades gramaticais com o fato de que, em certas línguas e não em outras, o sujeito de uma oração finita não precisa necessariamente vir lexicalmente expresso denota origem à postulação do parâmetro conhido como o parâmetro do sujeito nulo (ou parâmetro pro-drop), em termos de qual as línguas naturais parecem poder ser agrupadas.

(doravante PSN), e suas propriedades, vem sendo discutido por linguistas dedicados ao estudo das mais diversas línguas naturais. Para a maioria delas, as propriedades do PSN estão associadas a características assumidas pelo sistema de fato verbal nessas línguas. Mais especificamente, essa associação basitava-se na intuição de que línguas contam com um sistema visível de marcas de concordância numero-pessoal nos verbos (AGR "nco") admitem

I. O parâmetro do sujeito nulo

A importância dessa hipótese advém do fato de ela poder diferenciar explicadores para a natureza das propriedades associadas ao parâmetro do sujeito nulo e dessas maneira, contribuir com a discussão basante avançada por tabalhos de linguistas brasileiros sobre a estruturação da língua a partir de suas unidades constitutivas.

Para que essa argumentação possa se sustentar, largamos mão de um conjunto de análises empíricas quantitativas, tanto feitas por mesmas em trabalhos anteriores, como desenvolvidas por outros

integram-nomial, seu e dele alteram-se em condições que serão precisadas.

cv como *pro*, mostrando evidências contrárias a seu tratamento como variável. Surge, então, o problema de como *pro* pode recuperar sua interpretação, uma vez que o italiano não possui marcas de concordância de objeto. Para tanto, o autor dissocia as condições de licenciamento de uma cv, das condições para sua identificação.

Essa dissociação também é assumida por Jaeggli & Safir (1989) que, ao elaborarem as condições de licenciamento de cv's, substituem a noção de "AGR rico" pela de "uniformidade morfológica". Para os autores, línguas com paradigmas morfologicamente uniformes contendo ou só formas derivadas, ou só formas não derivadas, seriam línguas que licenciam o sujeito nulo. É no processo de identificação que a noção de "AGR rico" reaparece. A identificação de *pro*, ou é feita localmente por meio de regência da cv por uma categoria que contenha AGR, ou, quando não houver regência local por um AGR que contenha traços número-pessoais, a cv é identificada por ligação com um sintagma nominal que a c-comande.

Um número significante de estudos sobre a sintaxe do português brasileiro, língua que admite sujeitos nulos, vem apontando estar ela atravessando um processo de mudança em alguns aspectos de sua gramática. Roberts (1993) assim se refere à importância de estudos que se debrucem sobre tal mudança:

"Se pudermos documentar uma língua mudando o valor do PSN, poderemos então checar o sistema flexional verbal em busca de mudanças morfológicas, uma vez que se espera que surja alguma correlação." (p.413)

A rápida exposição das principais formulações do PSN se faz necessária porque cada uma delas tem coisas diferentes a dizer com relação a esse quadro de mudança. Assim, esse trabalho pretende contribuir para a caracterização da mudança em curso no PB e, consequentemente, contribuir para a caracterização do PSN.

2. A mudança no português brasileiro

Dentre os vários trabalhos que analisam as mudanças em curso no PB, discutiremos a análise de Galves, desenvolvida numa série de

artigos (1984, 1988, 1989, 1993, entre outros) porque, embora sua pesquisa incida mais diretamente sobre o objeto nulo do PB, quando a autora busca uma explicação mais geral para esse fenômeno, numa abordagem paramétrica, acaba por sumarizar os diversos aspectos da mudança tratados por outros pesquisadores. Não se discutirá aqui cada um dos artigos, mesmo porque o tratamento teórico dado aos fenômenos gramaticais observados vai se modificando ao longo do tempo. Trata-se, sim, de captar as intuições mais gerais que subjazem a todas as análises para, a partir delas, desenvolver nossa visão sobre as mudanças do PB.

Nesse sentido, o artigo de 1984 é muito importante, pois nele Galves caracteriza o PB como língua integrante do parâmetro tipológico "língua orientada para o discurso", inspirada nos trabalhos de Huang já comentados. Essa posição é tomada com base numa análise da distribuição de cv's e pronomes, em posição de sujeito e em posição de objeto, em sentenças simples e encaixadas (relativas e completivas). Conclui a autora que na posição de sujeito de sentenças simples somente pronomes plenos podem ocorrer. Quanto às sentenças encaixadas, na posição de sujeito das relativas pode-se ter, ou uma cv com interpretação de variável presa a um elemento em COMP, ou um pronome, quando a interpretação de variável não for obrigatória. Já na posição de sujeito das completivas, encontram-se, quer uma cv pronominal ligada a um sintagma nominal em posição argumental (posição A) da oração matriz, quer um pronome livre. Com relação à distribuição de cv's e pronomes em posição de objeto, Galves constata que em sentenças simples podem-se encontrar tanto pronomes livres quanto cv's variável de discurso nessa posição. Em relativas, três tipos diferentes de categorias podem ocorrer: cv's variável de discurso, cv's variável ligada a um elemento em COMP e pronomes. Nas completivas, por outro lado, pronomes livres, pronomes remetendo a um SN em posição A na oração matriz, ou ainda, cv's variável presas ao tópico do discurso podem ocupar sua posição de objeto.

Das conclusões acima cabe ressaltar alguns pontos. Em primeiro lugar, a análise das cv's que ocupam a posição de objeto de sentenças simples ou orações encaixadas como variáveis presas a um tópico discursivo, análise esta que vai ser reformulada em artigos

A observação de que o objeto nulo é sempre livre em relação ao sujeito temático e não se limita a ocorrer em possíveis a partir das quais movimento seja autorizado pelos princípios da teoria das fronteiras leva a autorizar a assunção de que a em posse do de obser-
vador das sentenças do PB é a CV pronominal pro. Esta hipótese seria mantida em todos os rabbatos suspeitos ao artigo de 1988,
apesar da variação na sua implementação. Também se mantém nos demais artigos a mesma condição dependência entre a concordância des-
ta estrutura oracional do PB, estrutura essa decorrente do fato de que a CV é a estrutura que indica dependência entre a concordância des-
ta estrutura oracional do PB. Entendendo assim a concordância do PB e
uma mudança que ocorre toda vez que mudanças gramaticais
observadas no PB. Essa posição é assumida explicitamente no artigo
de 1993:

"Tentamos assim explicar em termos da teoria dos parâmetros o conjunto de mudanças sintáticas que aparecem no português do Brasil a partir do século XIX, dentro de esse conjunto de uma só mudança subsacámite. Sabemos que as mudanças morfológicas atingem os sistemas flexionais das línguas estudo na origem de grandes sistemas sintáticos. Nesse sentido, não é de estranhar que a origem de uma nova gramática no Brasil esteja numa mudança na concordância." (p. 403)

"E nessa caracterização de NFL", como predicado que se encontra, seguindo essa análise, a especificidade do português brasileiro: nas línguas em que NFL não é predicado mas domínio de predicado, (II) não é possível predicado mas domínio de predicado NFL", ser predicado ou dominio de predicado² depende criticamente da caracterização do predicado² de acordo com a concordância (AGR), nas diversas línguas."

No artigo de 1988, a autora comeca discutindo a caracterização da cv em posicão de objeto, feita em artigo anterior, como vestigio preso a um PRO ocupando uma posição de adjunto de INTL. Essa posição é legítima porque entre PRO e INTL, estabelece-se uma relação de predicação. Nas proprias palavras da autora:

Para abandonar a análise da CV obviou como variável, mas ainda captar a dependência referencial de tal categoria, é autora precisa sobre las sentencias do PB uma posicão A ocupada por sintagmas nominais (doravante SN's) que possuem servir de antecedentes à CV, isto é, uma posição que liga parte do domínio dentro do qual promove e análogas estão sujeitos aos princípios da teoria da ligação. Ou seja, para Galves, as sentenças do PB possuem duas possibilidades de expressão. Essa intuição, primeiramente expressa por meio de um nível de predicado, tal como proposto por Williams (1980), recebe uma formulação mais detalhada na teoria da flexão dividida ("split INFL") de Pollcock (1989). Vemos cada uma dessas possibilidades mais

posteriorres. As reformulações por que passou essa análise devem-se a tentativas de dar conta da observação de que a cv em possigão de objetos tem um comportamento que ao mesmo tempo em que a aproxima de uma variável, mostra propriedades tanto de uma cv analógica, na medida em que depende preferencialmente de uma cv simétrica, as vezes presente na própria sentença, quanto de uma cv pronominial, pois ela é livre no domínio do sujeito temático. Além disso, a autora opta por abandonar a análise da cv em possigão de objetos como varável a partir da observação de que no Pb, em contraposição ao português europeu, as cv's em possigão de objetos não tem sua conterrânea resumida pelo princípio da subsaçencia.

A autora toma como evidência do processo de enfraquecimento da concordância ocorrido no PB o fato de ter havido, nessa língua, uma redução nos paradigmas de flexão verbal, uma vez que a substituição dos pronomes *tu* e *vós*, desencadeadores de marcas de flexão verbal de 2^a pessoa, pelas formas *você* e *vocês*, desencadeadoras de marcas morfológicas de 3^a pessoa, para referência à 2^a pessoa do discurso, eliminou as formas verbais com marcas morfológicas de concordância de 2^a pessoa. Para ela, o elemento de concordância do PB é fraco porque não é capaz de identificar as três pessoas do discurso. As marcas morfológicas de flexão contêm um traço de pessoa meramente sintático que opera uma oposição binária entre pessoa e não pessoa (formas de 3^a pessoa). A interpretação arbitrária atribuída à cv quando esta ocupa a posição de sujeito de uma sentença simples com verbo flexionado na 3^a pessoa do singular reforça a hipótese de que a marca morfológica de 3^a pessoa expressa o traço da não-pessoa.

Como já foi dito, para Galves, o enfraquecimento da flexão tem como efeito uma reestruturação dos constituintes da sentença. Para explicar essa reestruturação, Galves utiliza as possibilidades analíticas abertas pela hipótese da flexão dividida proposta por Pollock (1989).

Um morfema "AGR fraco" não pode ocupar a posição de núcleo da categoria funcional cuja projeção máxima é AGR" que, por sua vez, tem como complemento a projeção máxima TP, cujo núcleo T é ocupado pelas marcas morfológicas de tempo contendo, a elas cliticizada, a concordância fraca. O verbo, ao subir para o núcleo T, lá recebe todas as marcas morfológicas de tempo e concordância e, portanto, não necessita subir para o núcleo funcional AGR. Os SN's sujeitos podem, então, ocupar a posição de especificador de TP, lá recebendo o caso nominativo. A posição de especificador de AGR" é agora a posição argumental (posição A) disponível para ser ocupada por SN's que, como nas análises anteriores, estabelecem a relação de predicação com a sentença vista como um predicado. A intuição de que as sentenças do PB possuem duas posições de sujeito, uma para o sujeito temático e outra para o sujeito da predicação, continua presente no artigo de 1993, formulada em outros moldes.

Desta breve exposição das principais características da mudança em curso no PB, a partir dos trabalhos de Galves, queremos recolocar algumas questões.

O estudo do objeto nulo do PB mostrou que esta cv apresenta um comportamento muito particular. Embora dependa referencialmente, para sua identificação, de um antecedente, o objeto nulo não parece submeter-se às restrições impostas às categorias vazias resultantes de movimento. Para dar conta deste comportamento, uma estrutura sentencial na qual duas posições argumentais têm domínio sobre a sentença são postuladas. A justificativa com poder explicativo para tal estrutura advém da mudança caracterizada como "enfraquecimento de AGR". A busca de evidências desse enfraquecimento tem, a nosso ver, levado a generalizações um pouco apressadas. Neste trabalho trataremos de duas delas, a partir de dois trabalhos de investigação empírica desenvolvidos por Negrão (1990) e Müller (1993).

A primeira diz respeito à generalização de que o enfraquecimento de AGR leva a um preenchimento da posição de sujeito por uma categoria lexical. A segunda diz respeito à generalização de que o enfraquecimento de AGR tem reflexos no SN, uma vez que as formas possessivas *seu(s)*, *sua(s)* de 3^a pessoa, tratadas como formas de concordância de SN, estariam desaparecendo, sendo substituídas pelas formas genitivas *dele(s)*, *dela(s)*. A análise do conjunto de dados empíricos alcançados pelas diversas pesquisas que têm como objetivo caracterizar a distribuição de cv's e pronomes em certas posições sintáticas ao invés de evidenciar a substituição de cv's por categorias lexicais, ou de *seu* por *dele*, mostram uma especialização na distribuição, já esboçada por Galves (1984), tanto para o caso das categorias em posição de objeto em sentenças simples, quanto para o caso das categorias em posição de sujeito e de objeto de sentenças encaixadas. Argumentaremos que esta especialização também está acontecendo na posição de sujeito de sentenças simples e para os possessivos nos SN's.

Este "entrapuecimento" tornaria nossos morfemas de concordância incapazes de identificar referencialmente o sujeito da frase. Desta maneira, a explicação técnica usualmente oferecida pelos pesquisadores que trabalham com o PB no âmbito da teoria gerativa para o fenômeno do aumento histórico do preenchimento da posição sujeito é o "entrapuecimento da concordância". O PB estaria de sujeito e o "entrapuecimento da concordância" seria o resultado de caminhando para deixar de ser uma língua pro-drop e se tornando uma língua em que o preenchimento do sujeito (pelo menos do sujeito referencial) seria obrigatório, porque sua tarefa se tornou "traca", ou seja, incapaz de recuperar um sujeito referencial.

Ora, se o "entraguecimento da posse de sujeito", e a causa do preenchimento progressivo da posse de sujeito, espelhamos que o aumento de preenchimentos se desse especialmente naqueles possessos para as quais a morfologia verbal não é mais capaz de identificar o sujeito (2a e 3a pessoas). Esperaríamos, também, uma maior proporção de preenchimentos para os casos em que há ausência de "concordância", ou seja, em que a pessoa do verbo não é a mesma que a do sujeito, conforme exemplo em (1), (2) e (3).

(1) "A maioria de mídia [advertermistas] é só porridge em não fiz
llegado e por causa que eu briguei né. Os moleque comegou
a encher, eu...";

(2) "E, porque... no primeiro bimestre eu tive uma vermelha, no
mês. No primeiro bimestre eu tive duas vermelhas, no
segundo eu tive duas";

No entanto, uma observação cuidadosa dos dados chama a atenção para os seguintes fatos que, de certa maneira, servam como contradições com a hipótese de que o "entraquecimento da concordância" é causa do aumento de preenchimento da contaminação. Para os seguintes fatos que, de certa maneira, servam como contradições com a hipótese de que o "entraquecimento da concordância" é causa do aumento de preenchimento da contaminação. Para os seguintes fatos que, de certa maneira, servam como contradições com a hipótese de que o "entraquecimento da concordância" é causa do aumento de preenchimento da contaminação. Para os seguintes fatos que, de certa maneira, servam como contradições com a hipótese de que o "entraquecimento da concordância" é causa do aumento de preenchimento da contaminação.

(3) "Ah, eu tou jogando bola com o Marcelo, elas pegam vem, tria a bola, começa a brincar".

Um aumento significativo do preenchimento da posseção de sujeito (ver, por exemplo, o trabalho pionero de Talarico, 1983 e o de Dutarte, 1993) é um dado empírico, levantado por vários pesquisadores, sobre o português do Brasil. Há uma queda constante, desde o século XIX até o fim do nosso século, das ocorrências de sujeitos nulos referenciais³. Se em 1845, 80% das ocorrências de desse tipo eram de sujeito em 1937 o número de ocorrências de possuído de sujeito eram de CV's, em 1992 essa distribuição cai para 25% dos CV's, cai para 50% e já em 1992 essa distribuição cai para 25% do total das ocorrências (dados de Dutarte, 1993, gráfico 1). Este dado empírico, trabalhado no âmbito da teoria gerativa, leva ao questionamento do português do Brasil em quanto uma língua produtora, ou seja, uma língua que obedece a PSN, expressa na forma nominal, causada pela substituição de *tu por voice*, resultou numa morfológica verbal que não é mais capaz de diferenciar entre 2a e 3a pessoa (ver paradigma 1 abaixo), e, dependendo do tempo verbal, pessoas (ver paradigma 2 abaixo). Se considerarmos, ainda, o crescente uso de a gente para a 2a pessoa do plural, mais uma marca diferenciadora de um paradigma para o outro.

2.1. Sobre a relação entre o "empratuecimento da flexão" e o preenchimento da posição de sujeito

que a 2^a não tem como ser morfológicamente diferenciada da 3^a. No entanto, ambas se comportam de maneira semelhante em relação ao processo de aumento do preenchimento da posição de sujeito. Existe uma diferença enorme entre a história dos comportamentos das 1^a e 2^a pessoas, e do comportamento da 3^a pessoa. Enquanto para as primeiras, o preenchimento dá um salto enorme de 20% para a 1^a pessoa do singular e 40% para a 2^a pessoa do singular em 1845, passamos para um preenchimento de aproximadamente 80% para a 1^a e a 2^a pessoa do singular em 1992. Já para a 3^a pessoa, a proporção preenchimento/não preenchimento se mantém praticamente constante, em aproximadamente 50%, a partir de 1882⁶.

Dados sincrônicos comprovam esta assimetria no comportamento entre a 1^a e a 3^a pessoas. A tabela 1 nos apresenta o fenômeno, não sob o prisma da posição de sujeito, mas sob o prisma da flexão verbal. Ela oferece, para cada pessoa verbal, a percentagem de preenchimentos e de não preenchimentos da posição de sujeito. Para este *corpus*, a maior percentagem de preenchimentos se dá nas 1^{as} pessoas do singular e plural (80% e 65,4%, respectivamente). Por outro lado, para o verbo com a marca morfológica de 3^a pessoa do singular ou plural, a proporção de preenchimentos e de não preenchimentos é aproximadamente a mesma, como se pode ver na tabela 1.

	MARCAS MORFOLÓGICAS					% Total
	1ps	3ps	1pp	3pp		
ESTRATÉGIAS	%	%	%	%	%	%
preenchimento	179	80,3	297	58,4	17	65,4
não-preenchimento	44	19,7	212	41,6	9	34,6
Total	223	509	26	45	803	64,4

Tabela 1: Distribuição das ocorrências verbais da amostra segundo as marcas morfológicas de pessoa e as estratégias de preenchimento da posição de sujeito (cf. Negrão, 1990, tabela 8, p.33).

Se compararmos os resultados totais da tabela 1 acima com os obtidos por Tarallo (1983, 1992) para 1981, apresentados na tabela 2 abaixo, poderíamos pensar que as proporções preenchimento/não preenchimento da posição de sujeito tendem a estabilizar-se. Apesar

das diferenças entre os resultados, que talvez possam ser atribuídas às diferenças entre os *corpora* utilizados⁷ e entre as categorias de análise estabelecidas, Tarallo encontra aproximadamente 80% de preenchimentos da posição de sujeito, ao passo que Negrão encontra aproximadamente 65% de preenchimentos desta posição, quase dez anos mais tarde⁸.

Tempo	1725	1775	1825	1880	1981
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%

Tabela 2: Evolução da retenção pronominal em posição de sujeito (elaborada a partir de Galves, 1993 *apud* Tarallo, 1983, 1992, tabela 1, p. 388).

Um outro fato que chama a atenção é a semelhança na proporção preenchimento/não preenchimento para os casos em que há concordância e para os casos em que não há concordância. Para o *corpus* analisado por Negrão, apenas 3% das ocorrências verbais de 3^a pessoa do singular não "concordam" com seu sujeito (cf. Negrão, 1990, seção 2.2). E, entre estas, apenas a metade tem sua posição de sujeito preenchida. Este fenômeno pode ser observado na tabela 3.

	3ps	%
Item lexical plural	81	18,2
Pronome indefinido	4	0,9
Eu	5	1,1
Nós	60	13,5
Vocês	1	0,2
Eles/elas	81	18,2
Subtotal	232	52,2
Concordância com predicativo	19	4,3
não-preenchimento	52	11,7
Inversão do sujeito	98	22,1
SN antecedente	43	9,7
Que - relativo	212	47,7
Subtotal	444	
Total		

Tabela 3: Distribuição das ocorrências verbais em 3^a pessoa do singular por subcategorias de análise e preenchimento/ não preenchimento da posição de sujeito (cf. Negrão, 1990, tabela 1, p.17).

à Kato, 1993) este trabalho aponta para a possibilidade de uma outra exploração para esses fenômenos. Outremos ressaltar ser esta uma contabilidade que não explica só a teoria das mudanças. As previsões empíricas quanto a distribuição de cíveis e pronomes na posição de sujeito, feitas por Galves em seu trabalho de 1984 e reseñadas nas páginas 5 e 6 deste artigo, foram confirmadas pelos dados apresentados.

2.2. A gramática das formas possessivas de terceira pessoa

Nosso ponto de partida para pensar a distribuição das formas possessivas de 3a pessoa foram os resultados da pesquisa II de Almeida (1993). Seu trabalho investiga a possibilidade de as formas possessivas *seus*, *sua(s)* em seu uso de terceira pessoa não estarem possessivas *seu(s)*, *sua(s)* em seu uso de terceira pessoa como um rato consumado de uma forma por outra tem sido assumida como um rato consumado de uma forma pelas substitutas *detela(s)*, *detela(s)* no PB. A substituição de uma forma por outra tem sido assumida como um rato consumado de uma forma pelas substitutas *detela(s)*, *detela(s)* no PB.

Formas possesivas todas as ocorrências de terceira pessoa das formas possesivas *seu(s)*, *sua(s)* e *dela(s)*, *cotrelacionando-as* a seus sintagmas nominais antecedentes. O antecedente em questão é buscado no texto como um todo e não apenas na sentença que combina a forma possessiva. Quando o antecedente imediato era uma forma nominal, a busca prosseguiu até o encontro do sintagma nominal pleno capaz de escalarcer o conteúdo semântico desse antecedente.

Os resultados desses levantamentos mostram as duas formas possíveis ocorrendo com frequência significativa no *corpus* possessivas e substantivas com evidências que, pelo menos para o *corpus* examinado, confirmam se pode ver na tabela 4, em que a frequência de uso é de 46% e a de dele é de 54%. Estes dados são interessantes porque evidenciam que, apesar da longeza da extinção, a forma seu é a mais usada.

FORMA POSSESSIVA	seu	dele	total	umero de ocorrências	77	91	168	percentagem	46%	54%	100%
Tabela 4: Frequência das formas possessivas de terceira pessoa				(elaborada a partir do <i>corpus</i> de Almeida, 1993).							

Os dados apresentados mostram que a mudanças nos paradigmas verbais do PB, chamada de entaudaección da concordância, não necessariamente acarretou um total preenchimento da concordância, não estabilizou esse processo. Ao contrário do previsto em artigos recentes sobre as mudanças do PB (ver artigos em Roberts

A exibiçâo servia de que para uma língua que era desenvolvida processos alternativos de recuperação de seus vazios, e recuperava de um sujeito referencial através da morfologia verbal se tornaria cada vez menos relevante.

(5) "... mas só que é ruim as escolas lá".

(4) "Chegou três carros de polícia lá, o cara pegou a arma assim",¹⁰ disse Negão, 1990, seção 3.1). Isso pode ser entretido na tabela 3 ao se perceber que a maior parte dos não preenchedores referenciais se atrela a existência de um sintagma nominal antecedente (ver Negeão, 1990, seção 3.1). Ainda para os casos em que há um anfíbio relativo.

E possivel pensar numa especialização do sistema promocional, em particular no caso da 3a pessoa, onde a alternância variação/preenchedimento poderia ser explicada pela postulação de uma cv presa. A postulação de Negão mostra que, uma vez retirados da amostra os casos em que o não preenchedimento da variável de sujeito amonta a uma interpretação imprecisa (como nos exemplos (4) e (5)), acarreta uma morfológica de 3a pessoa do singular (para o verbo com marca morfológica de 3a pessoa da singular)

(para a certa medida) a interpretação imprecisa (como nos exemplos (4) e (5)), a recuperação referencial do sujeito razão nos demais casos se dá através da existência de um sintagma nominal antecedente (ver Negeão, 1990, seção 3.1).

Comparando-se os dados da tabela 3 acima com os da tabela 1, somos levadas a concluir que o padrão de preenchimento para a posseção de sujeito quadro o verbo está na 3ª pessoa do singular independe da presença ou ausência de uma "concordância", entre os tipos morfológicos do verbo e a pessoa do sujeito. Portanto, os dados concordam com a tese de que a concordância é um dispositivo de sujeito.

Note-se que as freqüências de ambas as formas estão bastante próximas, devendo ser ainda observado que formas como "por sua vez" e "na sua maioria", que ocorreram diversas vezes no *corpus*, não foram consideradas por se tratar, talvez, de "frases feitas". Foi, também, deixado de lado o *seu* que retomava um *você* indeterminado e que ocorreu com bastante freqüência no *corpus* e foi desconsiderado o pronome possessivo *seu* cujo antecedente era um nome próprio de instituição, porque este tipo de nome próprio possui um comportamento semântico bastante diferente do do nome próprio de pessoa, e é na quase totalidade de suas ocorrências retomado pela forma *seu*. Este comportamento exigiria um estudo mais aprofundado para não enviesar os resultados do levantamento, pois, como se verá na sequência do trabalho, tenta-se estabelecer uma correlação entre o tipo semântico do antecedente e a forma possessiva utilizada.

Em (6), (7) e (8), exemplificamos¹³ respectivamente os três casos:

- (6) (a) "a roda virando movimenta o eixo dela que por sua vez movimenta outras engrenagens..." (NURC/SP);
- (b) "os rapazes berram e berram porque to/... na sua maioria são pais de família (...)" (NURC/SP);
- (7) "você no teatro é tudo (...) você vai interpretar os maiores gêneros de vida você vai conseguir enfocar para sua própria vida..." (NURC/SP);
- (8) "eu tenho sido procurado como diretor do Colégio ... Sion ... por alguns pais que estranha a circunstância que esta escola (...) não tenha o:: ensino de religião entre as suas disciplinas curriculares ..." (NURC/SP).

Como um primeiro exame dos dados do *corpus* de Almeida apontava para uma possível correlação entre a escolha da forma possessiva *seu* ou *dele* e o tipo de denotação do sintagma nominal antecedente, a autora classificou estes sintagmas conforme seu tipo semântico, ou seja, conforme o tipo de denotação que possuíam em seu respectivo contexto. A grade conceitual utilizada por Almeida

para classificar o tipo semântico de cada sintagma nominal antecedente está relacionada abaixo em (9) - (11), juntamente com as definições utilizadas para cada conceito e com exemplos ilustrativos:

- (9) sintagmas nominais específicos: nomes próprios e sintagmas nominais definidos e indefinidos com referência específica. Exs.:
 - (a) "(...) foi a primeira peça que o Ziembinski apresentou em toda a vida *dele* na carreira *dele*..." (NURC/SP);
 - (b) "L2 (...) então eles não aceitam muito a pajem né para eh... alias.não é pajem é arrumadeira mas L1 () L2 quer dizer não é só não vive em função deles mas de manhã ... a única função *dela* é me ajudar com eles..." (NURC/SP).
- (10) sintagmas nominais não-específicos: sintagmas nominais definidos e indefinidos que não possuem uma referência específica. Exs.:
 - (a) "(...) O CIDADÃO... não adianta... quer ir a um clube e não pode quer ir fazer uma viagem e não pode... principalmente que... em se falando de viagem existem outros problemas piores... é o medo... de um bandido ... de um desgraçado ... acabar com a vida da família *dele* num desastre... numa estrada" (NURC/SP);
 - (b) "você vê nas ruas eh:: os tipos mais disparatados desde o inglês tradicional com *seu* chapéu (...)" (NURC/SP);
 - (c) "... às vezes um estudan::um rapaz que paga *seus* estudos com sacrifício ele não pode ter dinheiro nunca para ir ao teatro..." (NURC/SP).

(11) sintagmas nominais genéricos: sintagmas nominais que tem por referência uma classe e não um ou mais indivíduos eu entidades específicas. Exs.:

(a) (...) o telegrafo vai ate Pernambuco sua importância (NURC/SP);

(b) "acho que a televisão brasileira (...) irá encontrar seu caminho" (NURC/SP).

Sempre é evidente como classificar a denotação de um sintagma nominal em um determinado contexto. No trecho em (12), por exemplo, o SN "um cinturão de couro" seria um não-espécifico ou um genérico? Ia em (13), "o sujeito" seria específico ou não-espécifico?

(12) "...esse indivíduo tinha um cinturão de couro... não sei se voces já viram isso nas ruas de São Paulo..." não é? tem um cinturão de couro que tem nos calçados uma espécie de esporte no... no -- eu acho que isso não há mais nas ruas de São Paulo porque (...)" (NURC/SP);

(13) "o sujeito monta uma bicicleta na beira de um rio ne?" (...)

(14) "ha 30% dos alunos que dispõem de bolas escolas... proximas à suas casas." (NURC/SP);

(15) "o individuo pode um capital todo dele em investimentos..." (NURC/SP);

(16) "o artista que pode se ver diariamente numa telemóvela ...ela verá logo seu cacoete." (NURC/SP).

Estes fatos indicam a necessidade de uma classificação principalmente para a classe ao redor de estudo, semântica mais precisa e adequada ao fenômeno estudo, vertice de uma maneira no mínimo indicativa, a possibilidade de adotada é bastante útil para uma primaria abordagem dos dados e possuíndo denotações não-espécificas¹⁶. Além disso, a classificação possuíndo denotações não-espécificas¹⁶. Além disso, a classificação

problems empíricos dessa classificação, elas aparecem porque nem sintagmas nominais tem uma história longa e rica. Quanto aos empíricamente. No plante teórico, a discussão sobre a denotação dos sintagmas que realizam não é sem problemas, tanto teórica, quanto classificada dos sintagmas nominais em relação ao tipo de forma seu (94% das ocorrências).

O resultado obtidos na tabela 5 são muito claros nos dois sintagmas nominais específicos são em sua maioria retomados pela formas dele (76% das ocorrências), ao passo que os sintagmas sintagmas nominais genéricos são quase sempre retomados pelas extremos do que se poderia chamar de "níveis de referenciabilidade"; os sintagmas genéricos são em sua maioria retomados pela formas dele (76% das ocorrências), ao passo que os sintagmas sintagmas nominais específicos são quase sempre retomados pelas extremos que não são iguais uns aos outros, como (15) e (16):

Tabela 5: Tipo semântico do sintagma nominal antecedente e forma possessiva correspondente a sua retomada (cf. Almeida, 1993).

POSSESSIVO	específico	não-espécifico	genéricos	dele	seu
ANTECEDENTE	76%	54%	6%	94%	24%

O tipo semântico da referência é de tipo possessivo que a forma dele tem de retomar sintagmas referenciais¹⁴, enquanto que a forma dele tem de retomar sintagmas de referências de que a forma sua retoma proximamente o tipo semântico da referência. Numa proximidade, Numa proximidade, para indicar que estas formas estarão se especializando segundo o tipo semântico da referência. Numa proximidade, para indicar que estas formas estarão se especializando segundo o tipo semântico da referência, como se pode verificar na tabela 5.

Os tipos semânticos dos sintagmas nominais formam então colocações em correspondência com a forma possessiva utilizada para sua retomada e os resultados obtidos, expressos na tabela 5, apontam para indicações de que estas formas estarão se especializando segundo o tipo semântico da referência. Numa proximidade, para indicar que estas formas estarão se especializando segundo o tipo semântico da referência, como se pode verificar na tabela 5.

(11) sintagmas nominais genéricos: sintagmas nominais que tem por referência uma classe e não um ou mais indivíduos ou entidades específicas. Exs.:

uma relação entre o tipo de denotação do sintagma nominal antecedente e a escolha de uma ou de outra forma possessiva.

Para tentar um primeiro esclarecimento sobre o comportamento dos sintagmas nominais não-específicos vamos examinar mais atentamente a relação anafórica estabelecida entre um antecedente quantificado e a forma possessiva que o retoma. Esta escolha deve-se ao fato de que os sintagmas nominais quantificados são, na quase totalidade de seus usos, não-específicos, no sentido de que não apontam para entidades determinadas, únicas e específicas no "mundo"¹⁷. Estes sintagmas são, portanto, bastante interessantes para um exame mais aprofundado da relação entre o tipo de denotação do antecedente e a forma possessiva que é escolhida para retomá-lo exatamente na faixa em que os primeiros resultados se mostram nebulosos.

A tabela 6 mostra que este caminho parece apropriado, pois a homogeneidade dos seus resultados chama a atenção: sempre que o antecedente é um sintagma nominal quantificado, a forma possessiva escolhida para retomá-lo é a forma *seu*¹⁸.

FORMAS POSSESSIVAS	<i>seu(s)/sua(s)</i>	<i>dele(s)/dela(s)</i>	TOTAL
nº de ocorrências	10	0	10
percentagem	100%	0%	100%

Tabela 6: Antecedentes quantificados e a forma possessiva correspondente (elaborada a partir do *corpus* de Almeida, 1993).

Semanticamente os sintagmas nominais quantificados determinam os valores que podem ser atribuídos aos pronomes que funcionam como variáveis presas a seus quantificadores. Nestes casos, vemos que o funcionamento de *seu* é um funcionamento de variável presa por um quantificador. Ilustramos este fato em (17) e (18):

- (17) "aquilo que a gente vê em filmes ou em fotografias: todo mundo ali à beira da calçada tomando *seu* chopes..." (NURC/SP);

- (18) "tem que cada um pegar *sua* lancheira..." (NURC/SP).

Os resultados da tabela 5 são um tanto mais complexos. Comecemos por tentar interpretar suas partes bem comportadas - a retomada dos sintagmas nominais específicos e dos sintagmas nominais genéricos.

Os SN's classificados como específicos denotam sempre indivíduos determinados e, consequentemente, é muito improvável que tenham um comportamento de sintagmas nominais cujos operadores prendem variáveis - eles estabelecem usualmente uma relação de correferência com o possessivo. Desta forma, temos uma primeira pista para interpretar a preferência destes sintagmas por uma retomada com *dele* (76%), que é a forma referencial por excelência.

Já uma primeira explicação para o comportamento dos genéricos (94% de ocorrências com retomada por *seu*) seria o fato de que estes nunca são referenciais no sentido de apontarem para um único indivíduo específico e, portanto, não poderiam ser retomados pela forma *dele*. O comportamento do genérico é muitas vezes explicado pelos semanticistas como equivalente a uma quantificação universal. Em (19), por exemplo, o SN 'o telegrama comum' seria interpretado como 'todo telegrama comum' (Vx telegrama comum x) e a variável passa a percorrer todos os membros da classe dos telegramas comuns. Nem todos os semanticistas concordam com a possibilidade de se analisar o genérico como uma quantificação¹⁹, mas talvez esta seja uma primeira pista para a compreensão da semelhança de comportamento entre SN's quantificados e SN's genéricos.

- (19) "o telegrama comum vai perder toda a *sua* importância diante do telefone, não é?" (NURC/SP).

Já o comportamento dos sintagmas classificados como possuindo denotações não-específicas, mostra que ainda há muito a ser pesquisado. Neste caso deixamos as questões em aberto para um aprofundamento futuro.

nos permite imaginar que não se trata de uma escolha relacionada ao nível cultural do falante e que por esta razão poderemos relacionar, possivelmente o que esta ocorrendo com as formas possessivas de 3a pessoa que fazem uso dos corpos do Projeto NURC.

Já em seu estudo específico sobre a relação entre a "definida" e a "imprecisa" em círculo variáveis linguísticas: inanimado, sem referência, não específico, abstrato, forma indefinida. Seus resultados, a nosso ver, poderiam ser interpretados na mesma linha dos obitos portugueses Ralda²⁰, que contumia nossa aliança de formas possessivas no corpo minimo estabelecido pelo Projeto de Gramática do Português Ralda, é bastante que esteja a formular um levantamento quantitativo cuidadoso da ocorrência de possesivos no corpus minimo estabelecido pelo Projeto de Gramática da Universidade de São Paulo, pois não é evidente que as conclusões obtidas para este *corpus* possam ser estendidas, nem o devido cuidado, para todo o Brasil. Essa cautela é justificada pela observação dos dados de Neves, nos quais a proporção de ocorrências das formas *seu* e *dele* é muito maior que a de *meu* e *lhe*.

Nossos dados, que estão de acordo com os dados de Neves e Silva, mostram que não se pode pensar em uma substituição por dele, Cerdouera (1993) levanta a hipótese de que um entraquecimento geral da concordância no PB estaria causando um desaparecimento da concordância imitativa do SN, acertando o critério que não se aplica de forma pronominal lítica.

3. Comentários finais

Neste trabalho tentamos mostrar que os levantamentos empíricos sobre o preenchimento/não preenchimento da posição de sujeito e a ocorrência das formas possessivas *seu/dele* não levam

outro dado interessante da pesquisa de Silva e que não há diferenças quantitativas entre o uso das formas possessivas entre os estudantes de 3a pessoa entre níveis culturais tão diferentes quanto possuem diferentes intenções e estudos de MBRAL. Este resultado

possessivo da língua oral no PB.

Silva (1984) em um estudo sociolinguístico extremamente cuidadoso sobre a distribuição das formas possessivas *seu* e *dele*, cujo corpus compõe-se de gravagens de entrevistas com universitários e com estudantes do MOBRAL (Movimento Brasileiro de discussões culturais de gravagens de entrevistas *seu* e *dele*, cujo corpus compõe-se de gravagens de entrevistas com universitários e com estudantes de corpora dos corpos de composição Alfabetização), tratando-se, portanto, de um *corpus* de 3a pessoa, percebemos ainda bastante significativa e diversa dos corpos utilizados por Almeida e Neves, encontra 25% de ocorrências da forma *seu* no total das formas possíveis de 3a pessoa, percentagem ainda menor que a de 3a pessoa, percebemos ainda bastante significativa e diversa dos corpos utilizados por Almeida e Neves, encontra 25% de ocorrências da forma *seu* no total das formas possíveis de 3a pessoa, percebemos ainda menor que a de 3a pessoa, percebemos ainda menor que a de 3a pessoa.

Outro dado interessante da pesquisa de Silva é que não há possesivo da língua oral no PB.

Silva (1984) em um estudo sociolinguístico extremamente cuidadoso sobre a distribuição das formas possessivas *seu* e *dele*, cujo corpus compõe-se de gravagens de entrevistas com universitários e com estudantes de corpora dos corpos de composição Alfabetização), tratando-se, portanto, de um *corpus* de 3a pessoa, percebemos ainda menor que a de 3a pessoa.

Outro dado interessante da pesquisa de Silva é que não há possesivo da língua oral no PB.

Silva (1984) em um estudo sociolinguístico extremamente cuidadoso sobre a distribuição das formas possessivas *seu* e *dele*, cujo corpus compõe-se de gravagens de entrevistas com universitários e com estudantes de corpora dos corpos de composição Alfabetização), tratando-se, portanto, de um *corpus* de 3a pessoa, percebemos ainda menor que a de 3a pessoa.

Outro dado interessante da pesquisa de Silva é que não há possesivo da língua oral no PB.

Silva (1984) em um estudo sociolinguístico extremamente cuidadoso sobre a distribuição das formas possessivas *seu* e *dele*, cujo corpus compõe-se de gravagens de entrevistas com universitários e com estudantes de corpora dos corpos de composição Alfabetização), tratando-se, portanto, de um *corpus* de 3a pessoa, percebemos ainda menor que a de 3a pessoa.

Outro dado interessante da pesquisa de Silva é que não há possesivo da língua oral no PB.

Silva (1984) em um estudo sociolinguístico extremamente cuidadoso sobre a distribuição das formas possessivas *seu* e *dele*, cujo corpus compõe-se de gravagens de entrevistas com universitários e com estudantes de corpora dos corpos de composição Alfabetização), tratando-se, portanto, de um *corpus* de 3a pessoa, percebemos ainda menor que a de 3a pessoa.

necessariamente à conclusão de que o PB está caminhando para um preenchimento categórico do sujeito referencial e para um desaparecimento da forma possessiva *seu* como tem sido assumido por estudos que avaliam as mudanças em curso no português do Brasil. Mais ainda, tentamos mostrar que não há uma conexão causal necessária entre estes fatos e o fenômeno chamado de "enfraquecimento da concordância" no PB.

Nossa hipótese é a de que estaria havendo uma especialização no sistema pronominal do PB segundo o tipo de denotação semântica que se deseja expressar. O pronome *ele* e a forma possessiva *dele* são usados para expressar SN's referenciais²¹. A categoria vazia não arbitrária na posição de sujeito e a forma possessiva *seu* seriam usadas para expressar uma ligação anaforica entre estes SN's e seus antecedentes. Também afirmamos que nem a interpretação dos dados empíricos, nem sua interpretação dentro da teoria gerativa nos levam à conclusão de que o PB estaria se tornando uma língua sem a possibilidade de sujeito nulo, ou seja, o PB estaria deixando de ser uma língua pro-drop.

Se confirmada, nossa hipótese traz um novo modo de postularem-se as propriedades definidoras do parâmetro do sujeito nulo. Conforme já apontado por Huang, mais do que centrar tais propriedades na regularidade morfológica dos paradigmas de flexão, deve-se atentar para os mecanismos de identificação do conteúdo referencial das formas pronominais de uma determinada língua.

(Recebido em 12/09/1994. Aceito em 19/08/1995.)

NOTAS

- 1 (11), no artigo de Galves corresponde à seguinte estrutura, posteriormente reformulada:
[INFL" PROi [INFL" Joana viu ti]]
- 2 No artigo, domínio de predicação refere-se à projeção máxima dentro da qual realiza-se a relação de predicação entre um predicado e um argumento.
- 3 O termo "sujeito nulo referencial" tem, no trabalho de Duarte (1993), o significado de uma cv que poderia alternar com o pronome *ele*. É neste sentido que o termo está sendo usado nesta seção.

- 4 Utilizamos "concordância" entre aspas para distinguir a marca morfológica, da categoria funcional concordância a que nos referimos na seção 2 deste artigo.
- 5 Os exemplos 1, 2 e 3 foram retirados do *corpus* de Negrão (1990). Seu *corpus* foi formado a partir de 10 entrevistas do tipo diálogo entre informantes, nas quais duas crianças estudantes de escola pública de São Paulo, capital, com idades entre 10 e 12 anos, eram instigadas a conversar entre si a partir de estímulos dados pelo pesquisador.
- 6 Estes fatos podem ser claramente observados no gráfico 5 em Duarte (1993).
- 7 Esta diferença precisa ainda ser examinada cuidadosamente.
- 8 Um(a) parecerista da D.E.L.T.A. discute a relevância do dado que mostra uma não correlação entre a perda de marcas de flexão numa certa pessoa e o preenchimento da posição de sujeito. Para ele(a), o que deve ser levado em conta é o efeito da quebra no paradigma por inteiro. No entanto, mesmo assim cremos que o contraste entre o total de preenchimentos da posição de sujeito entre verbos com marcas de flexão de 1a pessoa do singular (80% das ocorrências na tabela 1) e verbos com marcas de 3a pessoa do singular (58,4%) precisa ser explicado.
- 9 Na realidade, podemos dizer que nesses casos a posição de sujeito é vazia, ou seja, não é ocupada por nenhum SN, quer lexical, quer vazio.
- 10 Os exemplos 4 e 5 foram retirados do *corpus* de Negrão (1990).
- 11 Trata-se de uma pesquisa de iniciação científica realizada com bolsa do PIBIC, convênio USP/CNPq, sob a orientação de Ana Lúcia Müller e Esmeralda Vailati Negrão. O *corpus* utilizado para a pesquisa de Almeida compõe-se das seguintes gravações do projeto NURC : 161, 377, 62, 333, 251, 360, 124, 380, 255, 396, 18, 137, 234 - todas feitas no estado de São Paulo. Para maiores detalhes sobre o Projeto NURC ver Castilho & Preti (1986).
- 12 Ver, por exemplo, o debate entre Mary A. Kato e Mario A. Perini na revista D.E.L.T.A., vol. 1, nos 1 e 2 (1985), os artigos de Gisele Machline de O. e Silva (1984) e (1991) e, mais recentemente, o trabalho de Vicente Cerqueira (1993).
- 13 Os exemplos foram todos retirados dos *corpora* do Projeto NURC. A transcrição original estabelecida pelo projeto foi mantida. Acrescentou-se apenas o sinal (...) para significar que foi eliminado um trecho do texto considerado irrelevante para a questão que se está querendo exemplificar.
- 14 O trabalhos de Silva (1984) e (1991) apontam para uma correlação entre o uso de *seu* e o que a autora chama de "indefinitude". Parece-nos que o fenômeno percebido é o mesmo. Entretanto, a grade de análise utilizada aqui e as conclusões a que chegamos vão em sentido diferente.
- 15 Exemplo retirado de R. Ilari (1993).

- (1989) O objeto nulo em português brasileiro: percurso de uma perspectiva. *CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*, 47: 65-90.
- (1993) O empaguenamento da concordância no português do Brasil. In I. ROBERTS & M. KATO (orgs.). *BRAZILIAN GRAMMATICALITY*. São Paulo: Editora UNICAMP.
- HEIM, L. (1982) *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. Tese de doutorado. MIT.
- HEIM, L. (1984) On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*, 15(4): 531-574.
- HUANG, C. T. (1982) *Logical Relations in Chinese and the Theory of Grammar*. Tese de doutorado. MIT.
- SILVA, G. M. de O. (1993) *O empaguenamento da concordância no português do Brasil*. In I. ROBERTS & M. KATO (orgs.). *BRAZILIAN GRAMMATICALITY*. São Paulo: Editora UNICAMP.
- NEGRÃO, E. V. (1990) A compreensão da estruturação das formas possessivas e das construções genitivas no português coloquial: reflexos a partir da teoria de Kato. *DELTIA*, 11(1 e 2): 107-120.
- MULFER, A. I. (1993) A gramática das formas possessivas de 3a pessoa. (mimeo).
- KATO, M. (1985) A compreensão da estruturação das formas possessivas e das construções genitivas no português coloquial: reflexos a partir da teoria de Kato. *DELTIA*, 11(1 e 2): 107-120.
- NEVES, M. H. M. (1993) Possessives. In A. T. CASTILHO (org.) *Gramática do Português Falaado*, vol. 3. Campinas: UNICAMP/FAPESP.
- PERINI, M. (1985) O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *DELTIA*, 11(1 e 2): 1-16.
- POLLACK, J. Y. (1989) Verb movement, UG and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, 20(3): 365-424.
- ROBERTS, I. & M. KATO (orgs.). (1993) *Portuguese Brazilian*. Uma romântica. In I. ROBERTS & M. KATO (orgs.). *BRAZILIAN GRAMMATICALITY*. São Paulo: Editora UNICAMP.
- RIZZI, L. (1982) *Issues in Latin Syntax*. Dordrecht: Foris.
- (1986) Null objects in Italian Syntax. *Linguistic Inquiry*, 17(3): 501 - 557.
- SILVA, G. M. de O. e (1984) *Variação no sistema possessivo de terceira pessoa*. *Tempo Brasileiro*, (78/79): 54-72.

- 16 Uma classificação da semântica das determinantes das línguas naturais é, em particular para o português do Brasil, esta ainda por ser feita (ver Hall, 1993 para uma discussão inicial sobre esta questão).
- 17 "mundo" aqui deve ser entendido em sentido lato, como qualquer mundo" ou qualquer "contexto".
- 18 Pode-se dizer que este resultado é também semelhante ao obtido por SIlva (1984) e (1991), desde que se levem em conta as diferenças entre Pode-se dizer que este resultado é também semelhante ao obtido por SIlva (1984) e (1991), desde que se levem em conta as diferenças entre Ver, entre outros, Carlson (1977) e Heim (1982), conforme apontado por Este corpus mítimo seleciona um representante de cada tipo de discursos um de nossos preceptistas.
- 19 Ver, entre outros, Carlson (1977) e Heim (1982), conforme apontado por Este corpus mítimo seleciona um representante de cada tipo de discursos dos corpos corpora do Projeto NURC para cada capital (para maiores detalhes ver Castilho (1990), p.19).
- 20 Este corpus mítimo seleciona um representante de cada tipo de discursos dos corpos corpora do Projeto NURC para cada capital (para maiores detalhes ver Castilho (1990), p.19).
- 21 Galves (1986) já chamava a atenção para este fato.
- 22 CARLSON, G. N. (1977) *Reference to Kinds in English*. Tese de português falaado de São Paulo (mimeo).
- CASTILHO, A. & D. PRETT (1990) *Gramática do Português Falaado*, vol. 1. Campinas: UNICAMP/FAPESP.
- CASTILHO, A. & D. PRETT (1986) *A Linguagem Falaada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. 1. *Editora Formas*. SP: Outros/Editora Formas.
- CEROQUEIRA, V. C. (1993) A forma genitiva "dele" e a categoria de concordância (AGR) no português do Brasil. In I. ROBERTS & FAPESP.
- DUARTÉ, M. E. L. (1993) Do promóve nulo ao promóve pleio: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In I. ROBERTS & M. KATO (orgs.).
- GALVES, C. (1984) Promóves e categorias vazias em português do Brasil. *DELTIA*, 2(2): 249-264.
- (1986) A interpretação reflexiva do promóve no português do Brasil. *DELTIA*, 2(2): 107-136.
- (1988) Objetos nulos e predicados: hipóteses para uma caracterização da sintaxe do português brasileiro. *DELTIA*, 4(2): 273-290.

- (1991) Um caso de definitude. *Organon*, 18(5): 90-108.
- TARALLO, F. (1983). *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado. University of Pennsylvania.
- WILLIAMS (1980) Predication. *Linguistic Inquiry*, 11(1): 203 - 238.

QUESTÕES E PROBLEMAS

UMA NOTA SOBRE ASPECTO E TRANSITIVIDADE

Rosa Attié FIGUEIRA (Universidade Estadual de Campinas)

Key-words: aspect; transitivity; agency; telic vs atelic.

Palavras-chave: aspecto; transitividade; agentividade; télico vs atélico.

0. As considerações que se seguem nada mais são do que a tentativa de colocar para exame - neste texto redigido sob a forma despretensiosa de nota - algumas questões que dizem respeito à relação entre aspecto e transitividade, e à possibilidade de tornar tal relação evidente, a partir de uma abordagem descritiva que se propõe para a segunda¹. A pertinência disto parece advir do fato de a categoria "aspecto" poder ser definida para além das propriedades semânticas do verbo, em função de um conjunto de traços identificáveis no âmbito da sentença.

Ao selecionar os dados que nos permitem argumentar nesta direção, limitamo-nos a expor apenas alguns contrastes relevantes (não todos), adequados para um trabalho preliminar, não exaustivo do tema. Estaremos privilegiando basicamente dois grupos de exemplos, pelos quais se pode mostrar: a) que o mesmo verbo chega a produzir efeitos aspectuais diferentes, a depender do complemento e/ou da marca flexional (seção 1); b) que verbos semanticamente relacionados (considerados como integrantes de diferentes classes aspectuais) exibem uma diferença quanto à transitividade, que pode ser captada na relação do sujeito com o processo expresso pelo predicado (seção 2). Num e noutro caso, a sua caracterização quanto à categoria aspecto poderia se beneficiar de um tratamento teórico-metodológico que considera a transitividade como uma propriedade da sentença passível de ser dimensionada em graus, resultante de um conjunto de componentes (Hopper e Thompson, 1980).

